

OS OLHOS DO CÉU: A ATUAÇÃO DA 1ª ELO NA SEGUNDA GUERRA MUNDIAL¹

THE EYES OF SKY: THE WORK OF THE 1ST ELO IN THE SECOND WORLD WAR

Daniela Alves Ferreira²

RESUMO

A atividade de observação aérea surgiu da necessidade de obter informações estratégicas e táticas sobre o campo de batalha e as posições inimigas durante os conflitos, atingindo seu auge na Segunda Guerra Mundial. Sua especificidade e relevância se fez presente tornando objeto de estudo deste artigo científico, cujo objetivo geral é verificar a atuação da 1ª Esquadrilha de Ligação e Observação (1ª ELO) no teatro de operações do mediterrâneo. O trabalho constituiu de uma pesquisa do tipo básica, com abordagem qualitativa, e feita uma revisão bibliográfica de caráter exploratório, para coleta, análise e interpretação dos dados obtidos. Ao longo do trabalho, abordou-se a atividade de observação aérea, o que foi a 1ª ELO, sua atuação na Segunda Guerra Mundial e a importância do observador aéreo no âmbito desse conflito. Ao fim deste estudo, concluiu-se que a 1ª ELO foi de extrema relevância para o sucesso das operações da Força Expedicionária Brasileira na Itália e, principalmente, excepcional na regulação dos tiros da artilharia, sendo essencial para o êxito das operações e tornando visível a notoriedade da atividade de observação aérea nos conflitos.

Palavras-chave: Observação aérea; 1ª ELO; Segunda Guerra Mundial.

ABSTRACT

The activity of aerial observation arose from the need to obtain strategic and tactical information about the battlefield and enemy positions during conflicts, reaching its peak in the Second World War. Its specificity and relevance became the object of study of this scientific work, whose general objective is to verify the performance of the 1st Liaison and Observation Squadron (1st ELO) in the Mediterranean theater of operations. The work consisted of basic research, with a qualitative approach, and an exploratory bibliographical review was carried out to collect, analyze and interpret the data obtained. Throughout the work, the activity of aerial observation was addressed, what the 1st ELO was, its role in the Second World War and the importance of the aerial observer in the context of that conflict. At the end of this study, it was concluded that the 1st ELO was extremely important to the success of the Brazilian Expeditionary Force's operations in Italy and, above all, exceptional in regulating artillery fire, being essential to the success of operations and making visible the importance of aerial observation activity in conflicts.

Keywords: Aerial observation; 1st ELO; World War II.

¹ Artigo apresentado em 15 de setembro de 2023 ao Centro de Instrução de Aviação do Exército.

² Aluno do Curso de Formação e Graduação de Sargentos. Centro de Instrução de Aviação do Exército (CIAvEx).

E-mail: dferreira.alves@eb.mil.br

1 INTRODUÇÃO

A atividade de observação aérea tem estado presente nas operações militares ao longo dos anos. Desde Caxias, com seus balões cativos, na Guerra do Paraguai – primeira experiência brasileira nessa área – procurava-se meios de driblar as limitações do terreno e coletar informações que auxiliassem a tomada de decisão do comando. Desde então, os observadores aéreos vieram atuando em diversos conflitos, tornando-se a extensão dos olhos da força terrestre no campo de batalha (JÚNIOR, 2019).

Durante a Segunda Guerra Mundial, momento que a aviação militar e as tecnologias de reconhecimento estavam em pleno desenvolvimento, a prática da observação aérea se manteve constante, desempenhando um papel importante na coleta de informações estratégicas. Foi nesse período que surgiu a 1ª Esquadrilha de Ligação e Observação (1ª ELO), criada para auxiliar a Força Expedicionária Brasileira (FEB) no teatro de operações da Itália, principalmente com a regulação dos tiros da Artilharia (GONÇALVES, 2016).

A atuação dos observadores aéreos se mostrou valiosa para a força terrestre nesse conflito. A necessidade do comandante em obter uma visão holística do campo de batalha, objetivando buscar dados que pudessem orientar a decisão nos diversos níveis, fez surgir a atividade de observação aérea (JÚNIOR, 2019). Essa capacidade de se obter uma visão geral da área de operações de um ponto de vista elevado e ampliado mudou as perspectivas do conflito. Dessa forma, os observadores aéreos ganharam destaque e se tornaram peça fundamental no desenrolar da guerra, definindo o rumo de diversas batalhas.

Nesse contexto, o tema deste estudo é “a atuação dos observadores aéreos na Segunda Guerra Mundial”. Por sua vez, o objeto de pesquisa, ou seja, a delimitação do tema é “a atuação da 1ª Esquadrilha de Ligação e Observação (1ª ELO) na Segunda Guerra Mundial”.

Tendo como base a delimitação do tema supracitado, este trabalho científico buscará resolver o seguinte problema de pesquisa: seria a atuação dos observadores aéreos na Segunda Guerra Mundial indispensável para o êxito desse conflito?

A fim de nortear adequadamente o estudo, este trabalho desdobrou-se em 1 (um) objetivo geral e 04 (quatro) objetivos específicos. O objetivo geral é verificar a atuação da 1ª ELO no teatro de operações do mediterrâneo. Além do objetivo geral, a pesquisa tem como objetivos específicos: a) definir a atividade de observação aérea; b) descrever o que foi a 1ª ELO; c) discorrer sobre a atuação da 1ª ELO na Segunda Guerra Mundial; d) analisar a importância do observador aéreo no âmbito desse conflito.

Para a realização deste trabalho, de início, foi realizada uma revisão de literatura sobre o tema, buscando maior entendimento sobre o assunto.

Quanto ao procedimento de coleta de dados, a pesquisa é do tipo bibliográfica, valendo-se de uma pesquisa exploratória em materiais de pesquisa em fontes já publicadas, como livros, revistas, artigos e dissertações, em meio físico ou digital. Quanto ao objetivo, vale-se de uma abordagem qualitativa. Segundo Boccato (2006, p. 266), “a pesquisa bibliográfica busca a resolução de um problema (hipótese) por meio de referenciais teóricos publicados, analisando e discutindo as várias contribuições científicas”.

No que diz respeito à finalidade, a pesquisa é do tipo básica, realizada por meio da análise dos materiais selecionados, buscando aumentar a base de conhecimentos teóricos, valendo-se do método indutivo como forma de chegar a uma conclusão acerca da referida investigação.

A atividade de observação aérea evoluiu ao longo dos anos. As experiências colhidas em tempos de guerra se mostraram significativos nessa evolução.

Este estudo se mostra relevante, pois traz à tona a importância da atividade de observação aérea em momentos de guerra, abordando a honrosa atuação dos observadores aéreos da 1ª ELO na Segunda Guerra Mundial, muitas vezes esquecida ou pouco reconhecida pelos seus feitos. Dessa forma, convém-se conhecer mais sobre a história e sobre os feitos desses observadores e como suas ações foram importantes para o êxito no combate.

2 A ATIVIDADE DE OBSERVAÇÃO AÉREA

Introduzida pelo emprego do balão, a atividade de observação aérea transformou o meio militar com a nova forma de buscar informações. O uso de um meio aéreo possibilitou uma visão holística do terreno, permitindo uma exploração mais eficiente e garantindo a precisão das ações. Após a invenção do avião, iniciou-se sua aplicação no cenário militar, desenvolvendo-se ao longo das duas guerras mundiais e provando seu valor nas atividades de reconhecimento e ligação, capacidades úteis para o teatro de operações (CALIL, 2022).

A atividade de observador aéreo surgiu da necessidade natural do comandante militar em obter uma perspectiva abrangente do campo de batalha, buscando informações sobre o terreno, o inimigo, as condições meteorológicas, suas próprias tropas e outros aspectos relevantes, visando aumentar a consciência situacional e guiar a tomada de decisão nos diversos níveis operacionais (COTER, 2019 apud CALIL, 2022).

A observação aérea tem por finalidade coletar informações estratégicas para apoiar as forças armadas em suas missões e operações. A partir dela, obtém-se dados sobre o inimigo e a região de operações, revelando pontos fracos do seu dispositivo; observação e condução dos tiros da artilharia; segurança aeromóvel, para vigiar setores da frente onde o contato com o inimigo não foi obtido; e comando e controle, para permitir ao comando a coordenação das ações, antecipando o conhecimento e ampliando a consciência situacional (BRASIL, 2019).

O uso da aviação como vetor para a observação aérea tornou mais flexível e rápida a busca por informações durante o combate, além de elevar a consciência situacional e proporcionar melhor coordenação no planejamento das operações (JÚNIOR, 2019). “As aeronaves podem ser empregadas para apoiar ações sobre objetivos compensadores e fundamentais para a consecução da manobra, em virtude da maior mobilidade, velocidade e flexibilidade proporcionadas”. (BRASIL, 2019, p. 33). Transformou-se uma ferramenta vital para a obtenção de inteligência, coordenação e tomada de decisões.

A Portaria nº 950, de 14 de novembro de 2012, do Boletim do Exército nº 47, define a atividade especial de observação aérea como a atividade desempenhada por militar do Exército, ocupando cargo de observador aéreo, que envolve missões operacionais de ligação, de observação ou de reconhecimento, quando realizadas a bordo de aeronaves, militares ou civis.

Já no Manual de Campanha: a Aviação do Exército nas operações, ocorre a observação aérea “quando se emprega a aeronave para a obtenção de dados sobre objetivos de interesse militar (levantamento de alvos para os meios de apoio de fogo)”.

Ainda de acordo com a portaria, as missões de ligação, observação ou reconhecimento são realizadas com o objetivo de proporcionar dados necessários ao emprego da tropa, permitir a preparação e a coordenação de exercícios e operações, qualificar militares em observação aérea, adestrar observadores aéreos e atualizar informes sobre segurança integrada. Tudo isso, permite que os comandantes tenham uma visão abrangente da situação e possibilita a adaptação das estratégias conforme a evolução do cenário de combate.

Dessa forma, as informações obtidas pela observação aérea não apenas auxiliam na orientação das tropas em terra, mas também possibilitam o uso estratégico de artilharia e intervenções precisas no combate, tornando as operações militares mais ágeis e efetivas. Como fica explicitado na citação abaixo:

A observação aérea configura-se em um importante meio de apoio ao combate, cuja finalidade precípua consiste em proporcionar informações sobre o campo de batalha ao comandante da força que a detém. Tais informações servirão de subsídios à tomada de decisões, bem como a condução de tiros realizados pelos morteiros de artilharia, possibilitando, sempre que necessário, a intervenção no combate pelo fogo de forma

mais aprofundada, aumentando a capacidade das tropas de superfície na condução de operações de combate rápidas e contínuas. (EXÉRCITO BRASILEIRO, 1997, p. 28-29 *apud* GONÇALVES, 2016, p. 5)

Essa atividade é desempenhada por um militar especializado, denominado observador aéreo. “O Observador Aéreo é o militar apto a planejar e realizar missões operacionais de ligação de comando, de vigilância ou de reconhecimento aéreo, inteligência e aquisição de alvos, a bordo de aeronaves militares ou operando sensores de aeronaves remotamente pilotadas (ARP)”. (BRASIL, 2018).

3 A 1ª ESQUADRILHA DE LIGAÇÃO E OBSERVAÇÃO

“Ao longo dos anos, a experiência dos observadores aéreos do Exército evoluiu, mas foi com a eclosão da Segunda Guerra Mundial e com a criação da FAB, em 1941, que ocorreu o mais importante capítulo desta especialidade militar que tanto auxiliou no combate ao inimigo”. (GONÇALVES, 2016, p. 6).

Nasce, assim, após a criação da FAB, a 1ª Esquadilha de Ligação e Observação - criada pelo Ministro da Aeronáutica Joaquim Pedro Salgado Filho, por meio do Aviso nº 57, de 20 de julho de 1944 – que viria a compor a Artilharia Divisionária (AD) da FEB, sendo peça chave para a precisão dos tiros da artilharia e na atividade de inteligência (GONÇALVES, 2016).

A esquadilha teve seu batismo de fogo nos céus da Itália – sob o comando do Capitão Aviador João Affonso Fabrício Belloc – com a missão principal de regular os tiros da artilharia, apoiando a 1ª Divisão de Infantaria Expedicionária (1ª DIE) da Força Expedicionária Brasileira (GONÇALVES, 2016).

A Esquadilha era formada por onze oficiais aviadores, um intendente, oito sargentos mecânicos de avião, dois sargentos mecânicos de rádio, oito soldados auxiliares de manutenção e dez aeronaves desarmadas tipo Piper L-4A/B, nominada L-4H na versão militar, apelidadas de “Teco-teco” pelos pilotos brasileiros. (LIMA, 1979, p. 337 *apud* GONÇALVES, 2016, p. 6).

A missão recebida pela Esquadilha era de executar voos isolados sobre o campo de batalha e sobre a própria linha de frente inimiga, com o objetivo de fazer observação, reconhecimento aéreo e regulagem de tiro. “Ao localizar o inimigo, auxiliava a Artilharia Divisionária (AD) brasileira, assim como a americana e a inglesa, no combate às tropas alemãs” (GONÇALVES, 2016, p. 6).

Era composta de militares oriundos da Força Aérea Brasileira e do Exército Brasileiro e tinha como lema “Olho Nele!”. Os aviões eram pilotados por oficiais da FAB e a observação

ficava a cargo dos oficiais da Artilharia do Exército Brasileiro. Para a seleção dos pilotos que iriam compor o efetivo da Esquadilha, foi usado como premissa básica o voluntariado. A seleção dos observadores aéreos ficou a cargo do Exército Brasileiro. “Apresentaram-se aviadores de diferentes origens: da ativa, da reserva e do quadro de sargentos aviadores, remanescentes da Arma de Aviação do Exército e incorporados à FAB, o qual estava em processo de extinção devido a criação da Aeronáutica” (GONÇALVES, 2016, p. 8).

Apesar da Esquadilha ter treinado no Campo dos Afonsos com os aviões Fairchild PT-19, no combate teve que se adaptar aos equipamentos e aeronaves norte americanos do modelo Piper L-4H. A prática foi aprendida na tentativa e erro, em meio ao combate, até conseguir um resultado satisfatório. Ou seja, a esquadilha teve seu batismo nos céus da Itália em meio ao combate, com novas aeronaves e sem tempo para treinamento com a nova doutrina estabelecida (GONÇALVES, 2016).

Como toda Unidade que se presava possuía um distintivo, foi mandado confeccionar um para que a Esquadilha possuísse o seu próprio. No desenho, o oficial representa o piloto; os binóculos, o observador aéreo em sua vigília constante; o canhão, a artilharia; as asas, a Força Aérea Brasileira, as nuvens brancas, a paz como desejo; e o azul, a imensidão do céu (GONÇALVES, 2016).

Figura I - Distintivo da 1ª ELO



Fonte: Villanova (1991) *apud* Gonçalves (2016, p. 12)

A principal incumbência da 1ª ELO era a regulação de tiro da artilharia. A tarefa consistia em localizar o alvo em uma carta quadriculada e passar as coordenadas, por rádio, para a central de tiro das baterias, onde os obuses recebiam os dados para serem apontados (GONÇALVES, 2016).

Logo, a artilharia era orientada pelos dados coletados pelos observadores aéreos, garantindo a precisão dos tiros das baterias. O observador orientava a artilharia a disparar contra o inimigo segundo as coordenadas indicadas, para “enquadrar” o alvo por meio de tiros longos

e curtos, à direita ou à esquerda. As primeiras granadas lançadas eram fumígenas – para facilitar a visualização – acertando o alvo, entra em ação o resto da bateria, cada uma com quatro peças (GONÇALVES, 2016).

Apesar do pleno sucesso das missões realizadas ao longo do conflito, com o fim da guerra, chega ao fim também a esquadrilha, deixando seu legado e perdendo-se grande parte das experiências aprendidas. “A Esquadrilha foi oficialmente extinta por meio do Aviso Ministerial nº 75, de 11 de outubro de 1945”. (GONÇALVES, 2016, p. 21).

4 A ATUAÇÃO DA 1ª ELO NA SEGUNDA GUERRA MUNDIAL

Para entender os feitos da 1ª ELO no conflito convém conhecer a situação da FEB na guerra. A FEB iniciou suas atividades na Segunda Guerra em meados de setembro de 1944 no vale do rio Serchio, ao norte da cidade de Lucca, conquistando suas primeiras vitórias com as tomadas de Massarosa, Camaiore e Monte Prano, e sofrendo seus primeiros reveses somente no final de outubro. A campanha dos aliados foi travada, na maior parte, em montanhas e colinas. Esse tipo de terreno favorece quem está na defensiva, no caso o Exército alemão, que construiu uma linha defensiva ao longo dos Montes Apeninos na tentativa de conter o avanço das forças aliadas na Itália. A FEB, na tentativa de romper essa linha, sofreu duros ataques (GONÇALVES, 2016).

No final de outubro, chega à Itália a 1ª ELO, estabelecendo-se na região de Pisa, onde receberam os aviões Piper L-4A e iniciaram os voos de adaptação em um hipódromo transformado em pista de pouso, iniciando o espírito de corpo da Unidade. A Esquadrilha se estabeleceu em Pistóia, realizando sua primeira missão de guerra em 12 de novembro de 1944 a partir de San Giorgio, com o Primeiro-Tenente Aviador João Torres Leite Soares e o observador Primeiro-Tenente do Exército Oswaldo Mescolin como membros da tripulação – iniciou-se os primeiros voos de reconhecimento ao norte dos Apeninos. Contudo, a Esquadrilha foi forçada a se mudar para Suviana devido a imponente barreira orográfica da região, o que dificultava as operações (GONÇALVES, 2016).

Os primeiros esforços da FEB para conquistar o complexo Belvedere-Castello, realizados nos dias 24, 25 e 26 de novembro, não tiveram sucesso. No mês seguinte, o inverno europeu trouxe nevascas e um frio intenso, tornando as condições ainda mais adversas para os soldados brasileiros – foram obrigados a ficar entinchados nos *fox boles* (buracos cavados no solo pedregoso) (GONÇALVES, 2016).

Enquanto a FEB permanecia inativa à espera do degelo, a 1ª ELO se punha a voar, estando em constante atividade na linha de frente, como é relatado pelo Major Élder de Mello Henriques, observador aéreo da artilharia da FEB, em seu livro “A FEB doze anos depois”:

Em SUVIANA passou todo o período de inatividade da FEB à espera do degelo. Foi ela, na realidade, o único elemento que trabalhou diariamente durante essa forçada hibernação. Todos os dias, antes do alvorecer, já um teco-teco se punha ao ar e essa atividade era exercida até as primeiras sombras da noite. Isso era feito porque enquanto os olhos perscrutadores estavam atentos, qualquer atividade da artilharia adversária ou de movimentos de viaturas era percebida e o castigo vinha implacável. (HENRIQUES, 1959, p. 204-205 *apud* GONÇALVES, 2016, p. 18)

Com o fim do inverno, em conjunto com a Décima Divisão de Montanha do Exército Americano, lançou-se uma nova operação no dia 12 de fevereiro e, após 12 horas de combate, finalmente conquistaram Monte Castelo. Em uma das batalhas mais difíceis, para romper a linha gótica montada pelos alemães, enfrentando condições climáticas adversas e se encontrando em posição desfavorável para uma ofensiva (as tropas alemãs que detinham a área de comando), a infantaria contou com o apoio da artilharia, cujos olhos para sua certa pontaria eram os observadores da 1ª ELO (GONÇALVES, 2016).

Um dos episódios notáveis da tomada de MONTE CASTELLO foi a ordem recebida pelos pilotos, diretamente do comando da AD, para saírem da altitude de segurança a fim de melhor apoiarem a nossa dura infantaria que estava “sangrando nas encostas de MONTE CASTELLO”. Essa ordem, cumprida à risca, (da altitude de 3.000 m, para a de 2.000 m) permitiu a identificação e consequente neutralização até de morteiros inimigos, não obstante a tremenda reação antiaérea dos Tedescos. (HENRIQUES, 1959, p. 205-206 *apud* GONÇALVES, 2016, p. 19)

A FEB continuou com sua ofensiva – com ânimos renovados após a tomada de Monte Castelo – acumulando novas vitórias e territórios conquistados, iniciando uma verdadeira perseguição aos alemães. Contou, nesse ínterim, com o apoio da 1ª ELO. A Esquadrilha cumpriu diversas missões como o reconhecimento e localização de objetivos, a regulação dos tiros da artilharia, identificação de posições e bases de partida, reconhecimento de itinerários, orientação de blindados através do campo, localização de demolições, acompanhamento do inimigo em retirada e ligações de emergência (GONÇALVES, 2016).

Sua atuação foi marcada por diversos percalços, mas que não foram suficientes para parar esta destemida esquadrilha no cumprimento de suas missões. As dificuldades enfrentadas eram muitas, tais como: a difícil topografia da região em que operavam (os Montes Apeninos); a pouca visibilidade e a passagem entre os morros dificultadas pelas condições atmosféricas do inverno; a pouca potência dos aviões e o recorrente desligamento dos motores devido as baixas temperaturas; o desconforto da cabine não aquecida; a longa permanência sobre as linhas de

frente; as pistas de pouso precárias de onde tinham que operar; e o perigoso fogo antiaéreo inimigo (GONÇALVES, 2016).

As missões não cessavam, muitas vezes levadas até o pôr do sol, o que lhe exigia prontidão constante e meios de driblar os obstáculos. Para pousar, algumas vezes, precisavam ter a pista balizada por latas contendo material incandescente, para melhor visualização por parte do piloto, além de conviver com os constantes deslocamentos da própria base, que acompanhava as movimentações das unidades de artilharia (GONÇALVES, 2016).

As dificuldades não paravam por aí. A estrutura precária dos aviões utilizados tornava as missões realizadas ainda mais desafiadoras, exigindo dos pilotos e observadores coragem e determinação no cumprimento das missões. O avião utilizado era um modelo civil *Cub Trainer*, para dois passageiros, adaptado para uso militar durante a Segunda Guerra Mundial – um avião de turismo lento e precário, sem nenhum armamento e “blindagem” feita de armamento e tela (GONÇALVES, 2016).

Mesmo assim tornou-se um dos instrumentos mais importantes usado pelos brasileiros na campanha da Itália. “Ultrapassou unidades norte americanas, inglesas e alemães em horas de voo e número de missões” (GONÇALVES, 2016, p. 10).

Figura 2 - Quadro estatístico da 1ª ELO na Itália

DADOS	NÚMEROS
Horas voadas em missões de guerra	1.282 h 50 min.
Horas totais voadas na Itália	2.388 h 15 min.
Missões de guerra	684
Voos realizados	1.956
Pousos realizados	2.399
Regulagens de tiro de artilharia	400
Dias operacionais de guerra	184

Fonte: Gonçalves (2016, p. 21)

A última missão de guerra da esquadrilha ocorreu em 29 de abril de 1945. A partir disso, dava-se por encerrada a campanha dos aliados na Itália – em 2 de maio – encerrando a participação brasileira na guerra e tendo a ELO passado a desempenhar atividades de tropa militar de ocupação, bem como o serviço de Correio da FEB, operando no campo de Portalbera (GONÇALVES, 2016).

5 A IMPORTÂNCIA DO OBSERVADOR AÉREO NO ÂMBITO DESSE CONFLITO

A análise cuidadosa de informações e dados é uma parte essencial do planejamento e execução de operações militares. Nesse contexto, missões de ligação, observação ou reconhecimento desempenham um papel fundamental, fornecendo os dados necessários para embasar decisões estratégicas e táticas.

Como afirmou uma vez o estrategista militar Tzu (2012), em seu livro "A Arte da Guerra", aquele que conhece o inimigo e a si mesmo, lutará cem batalhas sem perigo de derrota; para aquele que não conhece o inimigo, mas conhece a si mesmo, as chances para a vitória ou derrota serão iguais; aquele que não conhece nem o inimigo nem a si mesmo, estará em perigo em todas as batalhas. A citação de Sun Tzu serve para realçar o valor do conhecimento do inimigo e de si mesmo como fatores críticos para o sucesso no campo de batalha.

Nesse contexto, destaca-se a importância da observação aérea como um meio crucial para aprimorar a capacidade das forças militares e garantir o sucesso em missões de alta complexidade.

O observador aéreo desempenhou um papel crucial durante a Segunda Guerra, fornecendo informações valiosas para as forças armadas envolvidas. Atuou nas áreas de reconhecimento e inteligência, coletando informações sobre posições e movimentos inimigos e na identificação de alvos estratégicos, o que facilitou a tomada de decisões táticas e estratégicas; no direcionamento de fogo, permitindo o ajuste da artilharia em tempo real com as informações recebidas, aumentando a eficácia dos ataques; no controle do campo de batalha, informando às unidades amigas a situação das tropas inimigas e aliadas, auxiliando na coordenação e planejamento das operações, além de desempenhar um papel importante em missões de busca e resgate (GONÇALVES, 2016).

Os observadores aéreos executaram diversas missões, mas foi a regulagem do tiro a tarefa que mais se destacou.

Durante muito tempo e desde a nossa chegada à região do vale do RENO, eram os únicos olhos que a Divisão possuía, além do conjunto de alturas que queríamos conquistar; seu voo desassombrado obrigou continuamente o inimigo a se manter em silêncio e imóvel, receoso do tiro certo de nossa Artilharia, cuja ajustagem sempre conduziram com absoluta perfeição. (MORAES, 1960, p. 387 *apud* GONÇALVES, 2016, p. 22)

A importância do observador aéreo nesse conflito pode ser observada em vários momentos, principalmente quando a infantaria se encontrava em condições de desvantagem ofensiva em relação à linha gótica alemã, sendo duramente recebida. A posição de

comandamento alemã dificultava o ataque direto da infantaria da FEB. Para romper essa linha e, conseqüentemente, avançar com seus soldados, contou-se com o apoio da Artilharia Divisionária, auxiliada pela 1ª Esquadilha de Ligação e Observação, que calibrava a mira dos canhões e apoiava na observação do terreno e identificação de postos inimigos. Batalha difícil e demorada; e que se não fosse pelos olhos perscrutadores dos observadores do céu, teria essa batalha se estendido por mais tempo, e talvez a vitória não fosse tão certa. “Os pracinhas contaram com a ajuda da AD, cujos olhos para sua certa pontaria eram os aviões da 1ª ELO, que criara um manto protetor para os irmãos que combatiam em terra, abrindo alas para a vitória”. (GONÇALVES, 2016, p. 19).

A atuação da esquadilha em conjunto com a artilharia formou um elemento essencial nas batalhas. Essa junção transformou a artilharia brasileira num dos elementos mais perigosos dos conflitos, com sua mira quase infalível. Ao final do conflito foi considerada uma das mais precisas entre os países aliados.

Os alemães tinham de pensar várias vezes antes de tentar derrubar um “teco-teco”. Se errassem o primeiro tiro, a retribuição vinha rápido. Uma curta ordem por rádio e um obus brasileiro eram suficientes para começar a caça ao canhão alemão que ousara revelar sua posição. Quando o observador percebia que os tiros tinham enquadrado o alvo, a bateria entrava em ação. O alvo desapareceria em meio a uma nuvem de fumaça, poeira e detritos. (GONÇALVES, 2016, p. 13)

Além disso, a observação aérea apoiou os comandantes nas tomadas de decisões, pois fornecia informações rápidas e muito precisas sobre o terreno, condições meteorológicas, posições e movimentações inimigas. “Os Observadores Aéreos tiveram papel importante na localização das pontes destruídas e na identificação de colunas inimigas em retirada”. (HENRIQUES, 1959, p. 206 *apud* GONÇALVES, 2016, p. 19)

Ou seja, com os observadores aéreos era possível apoiar a trapa em solo, fornecendo-lhe informações necessárias para sua movimentação, a partir de informações embasadas, assim como ser os olhos da artilharia, guiando os tiros e os levando à vitória. Tudo isso permitiu uma condução mais eficiente das operações de combate.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

No cenário tumultuado da Segunda Guerra Mundial, os observadores aéreos emergiram como figuras cruciais na obtenção de inteligência e coordenação de operações. Esse período marcou um momento crucial para essa vertente militar, a qual desempenhou um papel

significativo no enfrentamento do adversário, assegurando a proteção dos parceiros e o alcance do triunfo.

Ao longo do conflito, a observação aérea desempenhou um papel fundamental, fornecendo informações valiosas que contribuíram diretamente para o sucesso das operações da FEB na Itália. A observação aérea, possibilitada pelo implemento de meios aéreos como os balões, num primeiro momento, e depois os aviões, transformou a forma como as informações eram obtidas no campo de batalha.

A 1ª ELO, foco principal deste estudo, foi usada como exemplo da importância dessa atividade, revelando a importância crítica desses profissionais no contexto militar. Os voos sobre as linhas inimigas permitiam a coleta de dados em tempo real, fornecendo meios para que o comando direcionasse as operações militares. Nas missões de regulagem de tiro – principal incumbência da esquadrilha – mostrou-se particularmente notável, ajustando a mira dos canhões e, com isso, aumentando significativamente a eficácia dos tiros e do ataque brasileiro.

O estudo também demonstrou como a observação aérea contribuiu para o conhecimento do inimigo e do terreno, permitindo que as forças aliadas conhecessem a localização das tropas inimigas, suas posições e movimentos, influenciando diretamente nas decisões táticas e estratégicas tomadas pelos comandantes.

A atuação da esquadrilha não foi isenta de desafios. Enfrentaram condições atmosféricas adversas, terreno montanhoso e precárias condições de voo em seus “teco-tecos”, demonstrando o quão árdua era a tarefa de sobrevoar as linhas inimigas, o que exigiu coragem e determinação no cumprimento das missões. Seu suporte às tropas em terra demonstrou como a observação aérea pode ser uma ferramenta crucial no campo de batalha.

Diante disso, considerando a atuação da 1ª ELO na Segunda Guerra Mundial e sua significativa contribuição e relevância na coleta de informações e apoio ao comando, fica evidente que a participação dos observadores aéreos foi essencial para seu desenrolar coeso, podendo ser considerada indispensável para o êxito desse conflito. Também é válido destacar a evolução dessa atividade, que segue, ao longo dos anos, fornecendo meios de comando e inteligência.

REFERÊNCIAS

BOCCATO, Vera Regina Casari. **Metodologia da pesquisa bibliográfica na área odontológica e o artigo científico como forma de comunicação**. Revista de Odontologia da Universidade de São Paulo, São Paulo, v. 18, n. 3, p. 265-274, dez. 2006. Disponível em: <https://encurtador.com.br/jzR05>. Acesso em: 14 mai. 2023.

BRASIL. Exército brasileiro. Comando de Operações Terrestres. **Manual de Campanha A Aviação do Exército nas Operações**. EB70-MC-10.204. 1. ed. Brasília, DF: COTER, 2019. Disponível em: <https://bdex.eb.mil.br/jspui/bitstream/123456789/3616/1/EB70MC10204.pdf>. Acesso em: 20 jul. 2023.

BRASIL. Exército brasileiro. **Observação Aérea Brasileira completa 151 anos proporcionando informações seguras, precisas e eficientes**. [S.l.], 25 jun. 2018. Rio de Janeiro. Disponível em: <https://encurtador.com.br/gkoV6>. Acesso em 19 jul. 2023.

BRASIL. Força aérea brasileira. **Aviação de Reconhecimento: os Olhos da Pátria na guerra e na paz**. [S. l.], 24 jun. 2023. Disponível em: <https://encurtador.com.br/boMTW>. Acesso em: 28 jul. 2023.

BRASIL. Portaria nº 950, de 14 de novembro de 2012. **Plano de provas para a atividade especial de observação aérea no âmbito do Comando do Exército**. Boletim do Exército: n. 47/2012, 23 de nov. 2012. Disponível em: <https://encurtador.com.br/cefX9>. Acesso em: 18 de jul. 2023

CALIL. **A Evolução da Observação Aérea no Exército Americano pós-Guerra do Vietnã: o processo de transição da Observação Aérea direta para a ampla utilização dos Sistemas de Aeronaves Remotamente Pilotados**. Revista Pegasus, v. 24, n. 1, p. 38-47, 2 ago. 2022. Disponível em: https://ciavex.eb.mil.br/images/Pegasus/Revista_Pegasus.pdf. Acesso em: 20 jul. 2023

CARVALHO, Joelson Rodrigues de Carvalho. **A primeira esquadrilha de ligação e observação como uma unidade de reconhecimento da Força Aérea Brasileira**. 2020. Trabalho de Conclusão de Curso – Escola Superior de Guerra, Brasília, 2020. Disponível em: <https://encurtador.com.br/dixL3>. Acesso em: 27 abr. 2023.

GONÇALVES, Daniel Evangelho. **Olho nele! Esquadrilhas de Ligação e Observação: vigília constante em defesa da Pátria**. Rio de Janeiro: Instituto Histórico-Cultural da Aeronáutica, 2016. Disponível em: <https://encurtador.com.br/vFSUX> Acesso em: 18 jul. 2023.

GONÇALVES, Daniel Evangelho. **“Olho nele”: a 1ª ELO nos céus da Itália**. Ideias em Destaque, Rio de Janeiro, v. 55, n. 2, p. 74-93, 2020. Disponível em: https://www2.fab.mil.br/incaer/images/eventgallery/instituto/Ideias/Textos/ideias_55.pdf. Acesso em 25 abr. 2023.

JÚNIOR, Helio Barroso Netto. **O emprego do observador aéreo na 2ª fase do processo de integração terreno, condições meteorológicas, inimigo e considerações civis (PITCIC): identificação dos efeitos ambientais sobre as operações**. 2019. Trabalho Acadêmico – Escola de Aperfeiçoamento de Oficiais, Rio de Janeiro, 2019. Disponível em: <http://bdex.eb.mil.br/jspui/handle/123456789/5156>. Acesso em: 27 abr. 2023.

SANTOS, Gabriel Filipe Sargento. **Observação aérea em Portugal realidade actual e perspectivas futuras**. 2011. Trabalho de Investigação Aplicada – Academia Militar, Lisboa, 2011. Disponível em: <https://encurtador.com.br/FORU2>. Acesso em: 11 ago. 2023.

TZU, Sun. **A Arte da Guerra**. Tradução de: André da Silva Bueno. São Paulo: Jardim dos livros, 2012. E-book.

WANDERLEY, Nelson Freire Lavenère. **Os balões de observação na guerra do Paraguai.** Rio de Janeiro: Instituto Histórico-Cultural da Aeronáutica, 2017. Disponível em: https://www2.fab.mil.br/incaer/images/eventgallery/instituto/Opusculos/Textos/opusculo_os_baloes.pdf. Acesso em: 29 jul. 2023.

WILTGEN, Guilherme. **24 de junho: dia da aviação de reconhecimento.** In: Defesa aérea e naval. [S.I], 24 jun. 2023. Disponível em: <https://encurtador.com.br/hryN7>. Acesso em: 28 jul. 2023.